

1. – A Promessa de uma civilização moribunda

“O patriarcado é uma criação histórica de homens e mulheres que se formou através de um processo de aproximadamente 2500 anos de duração. Na sua forma mais primitiva, apareceu como estado arcaico. A unidade básica de sua organização foi a família patriarcal, que tanto expressou como gerou, passo a passo, suas regras e valores.”

Gerda Lerner, *“La creación Del Patriarcado”*

“Vista de perto, a conquista do mundo não é uma bela coisa.”

Joseph Conrad.

“Quanto mais se submeteu o homem a normas coletivas, tanto mais aumentou sua imoralidade individual.”

Carl Jung.

Muito se tem falado do “nosso momento histórico” no final do milênio, seja com um ânimo catastrófico ou com um entusiasmo milenarista e é difícil desconhecer a relevância da visão apocalíptica em nosso tempo – pois mesmo que não haja dúvida de que assistimos à crise de uma cultura milenar que parece encaminhada ao colapso, é também saudável acolher certo otimismo, nascido da esperança e da fé no destino humano.

Marx escreveu acerca de como as contradições internas do capitalismo levaram à crise de um sistema social intrinsecamente explorador. Porém, é só mais recentemente que nos demos conta de que nossa sociedade está efetivamente em crise, e não tanto por uma quebra econômica ou financeira, neste momento, mas como resultado da exploração da natureza.

Foi o informe para o Club de Roma do Stanford Research Institute intitulado “Limites do Crescimento” o que pela primeira vez deixou claro que estamos em perigo de nos extinguirmos, do mesmo modo que aconteceu aos dinossauros milhões de anos atrás, em consequência de nossa inflexibilidade, e ainda que haja acadêmicos que questionam que as predições de então não se cumpriram, isto não é exato, e associamos ao Club de Roma a mais lúcida visão do que poderíamos chamar nossa problemática objetiva. Digo “problemática objetiva” para distingui-la da problemática psico-espiritual (tal como o Club de Roma o faz) em referência a um conjunto de problemas inter-relacionados de tal maneira que sua solução isolada, fugindo dos especialistas, exige uma abordagem sistêmica – pois o que é benéfico para solucionar um problema acaba dificultando a solução de outro.

A Enciclopédia de Problemas e Recursos Humanos, publicada anos atrás pela Humanité 2001 na Bélgica, enumera mais de oito mil problemas, porém é claro que muitos deles são antigos. Entre os novos cabe destacar especialmente três, começando pela superpopulação. Poderíamos dizer que a superpopulação não só torna mais presentes, como também mais graves os problemas antigos: já somos tantos que não podemos seguir vivendo da mesma maneira. Temos muitos vícios que antes passaram inadvertidos. Assim, por exemplo, em outros tempos se poderia jogar o lixo um pouco “mais além”, porém já não se pode, pois já não existe um mais além. Está-se pensando em levar dejetos radioativos ao espaço, pois aqui na Terra estamos entre fronteiras cada vez mais próximas e estreitas.

Também havia sempre um lugar mais além para conquistar, e isto permitia que se manifestasse esta sede de conquista tão própria de nossa civilização – que Toynbee chamou Fáustica em implícita alusão à última cena de Fausto de Goethe. Nela, Fausto se sente um

benfeitor da humanidade quando, com a ajuda de Mefistófeles, começa a construir diques que lhe permitem remover terras do mar.

Uma segunda situação nova (também evocada pela citada cena de Fausto) é a do progresso tecnológico, que, como a superpopulação, amplifica e torna insustentáveis muitas atitudes características que se expressam em nossa forma de vida coletiva desde o começo das civilizações. Não se trata somente do esgotamento dos recursos naturais não renováveis e do perigo de autodestruição bélica: estamos interferindo com o equilíbrio da natureza de tal maneira que assistimos ao desaparecimento dos bosques e ao envenenamento do plâncton marinho do que depende principalmente a renovação do oxigênio que respiramos, e nos ameaça um aquecimento gradual da atmosfera pela acumulação do anidrido carbônico; isto, por sua vez, teria como consequência um derretimento dos gelos polares e a inundação de grandes setores do mundo habitado – começando pelos portos.

A isto se soma a progressiva destruição do ozônio que nos protege da radiação ultravioleta solar, o que não só contribui para o aquecimento, como origina níveis letais de tal radiação. Se ainda consideramos as espécies animais que desaparecem a cada dia, não podemos deixar de sentir inquietação pelo resultado da constante interferência humana com a complexa diversidade da vida, especialmente quando constatamos que os fenômenos que, ao que parece, levaram à extinção maciça de distintas espécies em outras eras geológicas são de natureza comparável.

Um terceiro fator problemático eminentemente moderno é o efeito que as empresas multinacionais e os grandes acúmulos de dinheiro estão tendo sobre os governos e organizações não-governamentais – com suas respectivas iniciativas. Estamos em um mundo crescentemente regido por critérios puramente econômicos, enquanto que em tempos antigos a política tinha pelo menos a aspiração de servir a outros valores. É certo que correu muito sangue por causa de diversos nacionalismos e poderia inspirar otimismo a superação de um mundo dividido em estados soberanos, porém não só os estados soberanos são os que se vêem ameaçados em sua livre determinação: o mundo inteiro parece transformar-se em um mero mercado de trabalho e produtos em que as necessidades humanas e valores culturais que temos considerado universais vêm sendo progressivamente esmagados. Cito algumas eloqüentes linhas do informe sobre a pobreza no mundo que há poucos anos apareceu entre os Guias Práticos da editora Aguilar:

“Desenvolvem-se novas formas de controle da economia mundial e de submissão dos povos, planificadas pelas grandes multinacionais, as nações mais poderosas do mundo e por certos organismos internacionais. Cresce cada vez mais a distância entre o Norte e o Sul. Só uns poucos controlam a ciência e a tecnologia. Concentra-se e centraliza-se o poder econômico, financeiro, comercial, político e militar em muito poucas mãos.

Frente a estas mudanças, uma imensa quantidade de homens e mulheres que povoam a terra contemplan seu presente e seu futuro mais imediato sem nenhuma esperança. Aumentou a pobreza e a fome no mundo. Aumentou a exclusão da maioria da população na tomada de decisões sobre sua vida e seu futuro. Decresceu o acesso ao mais básico: a propriedade, a terra, o uso de bens, os avanços técnicos, a saúde e a educação.

Impuseram-se modelos de organização política, econômica e sociocultural, destinados a romper a cultura própria das comunidades, e a criar uma absoluta dependência e servidão aos mais fortes, à espera de não se sabe que futuro. O Informe das Nações Unidas (ONU), “Desenvolvimento Humano 1994” confirma que, enquanto a diferença entre os 20% dos mais ricos do mundo e dos mais pobres era de 30 a 1 em 1960, em 1994 essa proporção havia crescido ao nível de 60 a 1.”

Porém, como disse, muito já se falou de nosso momento histórico, no curso das últimas décadas, e meu tema, nestas páginas, será o do nosso momento psico-histórico. Como pessoa

cuja experiência específica é enraizada no espiritual e no terapêutico – quer dizer, no que tange ao processo do desenvolvimento humano – não me ocuparei tanto de nossa problemática objetiva como da consideração de seus aspectos mais interiores; ou seja, não tanto do sistema tecnocrático-comercial que nos domina como a “Grande Besta” da profecia, mas sim de seu coração, ou seja, dos aspectos psicológicos e espirituais do nosso mal coletivo.

Ao falar de uma abordagem psicoistórica não só me refiro ao fato de que me ocuparei do aspecto interno de nossos problemas, mas também a um intento de compreender o que está se passando hoje no mundo a partir de uma perspectiva da evolução da cultura. Porém, já que a palavra “cultura” tende a ser entendida em um sentido relativamente exterior – em alusão a idéias, quadros, obras musicais, costumes, instituições, etc. – convém dizer que o meu interesse é mais o da história do “espírito humano”. Interessa-me, portanto, a consideração de nosso tempo e sua história em seus aspectos psicológicos ou mentais, e convidarei meus leitores a observar certo paralelismo entre nosso desenvolvimento histórico e o desenvolvimento da consciência individual.

Pessoalmente, sinto certa fascinação pela idéia de que em setores diferentes da realidade, observam-se processos, leis ou estruturas semelhantes, aonde a ciência não chegou a mostrar exatamente as relações causais entre tais casos de “isomorfismo”.

Um exemplo muito conhecido é o de como se repete a evolução das espécies – evolução que ocorreu através de sucessivas idades geológicas – na vida do indivíduo. Cada um de nós começou sua vida como um organismo unicelular e passou, durante a vida embrionária por uma etapa remanescente à dos invertebrados. Logo, como vertebrados, fomos algo parecido aos peixes, e há um momento no desenvolvimento do embrião em que nos assemelhamos mais a ratazanas, pois nossa linha evolutiva passou pelos roedores antes de passar pelos insetívoros, que precederam aos monos e quando começou a desenvolver o córtex cerebral na relação com os olhos e com as mãos. Em resumo, nosso desenvolvimento individual é um eco da evolução de nossa espécie.

Porém resulta mais misterioso o eco entre distintos níveis da realidade. Por exemplo. É coincidência que no mundo sonoro a duplicação da frequência de um som define a oitava musical em que se repetem de oito em oito as notas de tal modo que a ascensão progressiva se torna uma espiral – enquanto que no mundo visual, as cores do espectro visível também constituem uma oitava? E que segundo a tabela periódica de Mendeleeyeff, os elementos químicos também se ordenem em oitavas? Intuímos uma estrutura universal, e isto sem dúvida fez que alguns sentissem como se o Criador pusesse suas impressões digitais em distintos âmbitos da criação. E também a música nos parece um espelho sonoro de leis universais, por isto se diz que encarna uma “música das esferas”. Quando escutamos a música de Beethoven, por exemplo, sentimos muito fortemente que nela se refletem processos vivos: a estrutura espiral de sua configuração temporal evoca em nós um desenvolvimento que nos é familiar no transcurso de nossa experiência afetiva. É como se depois do barroco, em que a música era linear, entrasse nela a experiência humana do desenvolvimento e através disso encontraram expressão musical as próprias leis da vida.

De forma muito abstrata pode-se falar de tais ecos morfológicos em termos de uma estrutura fractal no universo. Para aqueles a quem é novo este termo matemático recente, uma imagem pode proporcionar uma explicação compreensível: a do homem que olha uma garrafa em cujo rótulo se pode ver a imagem de um homem que olha uma garrafa, em cujo rótulo... etc. Ou melhor, a imagem de espelhos que refletem um ao outro interminavelmente. Tanto em um caso como no outro, a parte reflete o todo, e esta situação, longe de ser exclusiva de artificios humanos, bem pode constituir algo generalizado na organização do mundo natural. Assim por exemplo, nas árvores, a arborização está na estrutura do tronco, de onde se separam os ramos principais, como na estrutura de cada ramo e, por último, nas nervuras de cada folha. E ainda em cada segmento da enervação se repete a forma da árvore inteira.

Pessoalmente, como já disse, interessa-me muito a idéia de uma estrutura fractal ou holográfica do mundo, e o que me proponho na continuação é explorar um caso particular de isomorfismo, qual seja a idéia da sociedade como um organismo: a de que nosso organismo

coletivo tenha uma evolução, e que essa evolução possa talvez, ter certas características semelhantes às que conhecemos do desenvolvimento do indivíduo isolado.

A idéia foi proposta por Spencer, sociólogo à sombra de Darwin. E talvez porque o que propôs fosse um “Darwinismo social” em que refletia o desejo de justificar o incipiente industrialismo capitalista com a idéia de uma sobrevivência dos mais fortes na ordem natural, não chegou a ser muito popular em sua época a idéia que também propôs de um organismo social com suas próprias leis. Porém, mais recentemente parece estar entrando na cultura a idéia de uma sociedade potencialmente orgânica – ao fazer-se proeminente o paradigma holístico e ao surgir tanto a ciência de sistemas como a ecologia, com sua concepção de Gaya que equipara a Terra com um organismo vivo. Já a ciência moderna não se apressa em rotular de superstição o dito hermético “Como é em cima é em baixo”. A mesma idéia de que entre o nível atômico e o nível planetário do mundo inorgânico pode-se perceber certa analogia parece apoiar a idéia de que no nível social da vida humana podem ser observadas certas características semelhantes às do indivíduo.

Eu acredito que a grande promessa da idéia de um isomorfismo entre a evolução da consciência individual e a evolução da cultura através da história é que da evolução individual sabemos mais que da evolução social, pois através das épocas, em todos os tempos têm existido indivíduos que “atravessaram o rio”, indivíduos que chegaram a algo que sentimos como a promessa do potencial humano.

Já os gregos reconheciam um potencial de divinização do ser humano, e isto era celebrado no mito de Dionísio, divino filho de Deus que se faz mortal e sobrevive à sua morte. Mais amplamente, chamava-se “herói” ao homem sobre-humano que se diviniza e transcende a morte. O culto dos heróis na Grécia era mais solene que o culto dos deuses, pois envolvia o luto por suas mortes trágicas e se esperava deles uma benção.

Os heróis conviveram conosco através das gerações, chamemos como os chamemos, e é difícil não se dar conta de que houve na história seres como os criadores das religiões e outros gênios religiosos, santos ou mestres de vida que tiveram algo a nos dizer sobre o processo pelo qual chegaram à sua sabedoria e bondade. Os iluminados da consciência humana em todas as civilizações transmitiram noções muito sofisticadas acerca de como é o caminho, e a psicologia começa agora a nutrir-se de velhas fontes.

A psicologia transpessoal começa a se interessar em integrar o que a observação científica nos diz a respeito das primeiras fases do desenvolvimento, com o que os antigos sempre souberam sobre as fases mais avançadas da “grande viagem”. E uma coisa é clara: que o processo da evolução da consciência individual é uma espécie de metamorfose psico-espiritual – uma transformação – que implica em um processo de morte e renascimento. Atravessamos diversas pequenas mortes psicológicas através das quais vamos deixando para trás certas modificações e vamos nos desprendendo de aspectos da personalidade forjada durante a infância, do postigo, que é algo que internalizamos da patologia social que nos rodeia ou algo que tivemos que adotar como modo de defesa, e à medida que nos liberamos do obsoleto e limitante vai emergindo nossa potencialidade interior, essa consciência maior que chamamos espírito e que é como a flor na árvore de nossa vida. Na linguagem da Psicologia Transpessoal, vamos deixando para trás o ego, e com isto vamos liberando nosso ser essencial da prisão de nossa “neurótica” compulsividade condicionada.

Isto se dá em etapas. Começa na puberdade, que é um momento de uma pequena liberação, parece que algo novo nasce na vida humana. Naturalmente nosso desenvolvimento atravessou várias etapas antes disso, desde a assim chamada fase de separação-individualização em que passamos a depender menos do contato com nossa mãe e a explorar mais autonomamente o ambiente, à importante etapa em que (aos seis, sete anos) nosso intelecto adquire uma capacidade maior de abstração e começa, para muitos, a vida infantil recordada. Porém durante tais transições primárias da infância o que ocorre é uma combinação de maturação, socialização e perturbação de nossa saúde original: à medida que amadurecem nossas faculdades vamos entrando progressivamente em um mundo e caindo progressivamente do paraíso. Porém, com a puberdade começa um “caminho de regresso”, que é o começo de

uma transformação – por mais que esta fique, em muitos – talvez na maioria –, detida. Muita gente se sente como se tivesse nascido com a adolescência, ou terminado de nascer – ainda que na perspectiva de uma vida realizada seja mais exato dizer que se trate do primeiro, entre uma série de nascimentos, ao longo de um processo de individualização progressiva que coincide com um progressivo aprofundamento das relações. Parece que só então começa a nascer um eu propriamente pessoal – um terceiro independente entre o mundo das internalizações do pai e o da mãe.

Na entrada da adolescência começa uma crise: um período de transição difícil. É a primeira de uma série de transições difíceis que se sucedem na vida de uma pessoa - saltos qualitativos em nosso processo de desenvolvimento, por vezes passagens delicadas.

Ao entrar na vida adulta, quer dizer, na época em que dizemos ter alcançado a “maioridade”, muitas pessoas reconhecem outro momento crítico. Certamente a transição, como a da puberdade, compreende uma maturação biológica: é agora (aos 24-25 anos mais ou menos), quando termina a ossificação do esqueleto, e o fato de que seja pouco antes disso que nos assinalem as liberdades e responsabilidades da maioridade legal implica o reconhecimento de uma maturação psicológica também. Para muitos, esta é uma época em que o jovem adulto se separa de sua família de origem, e para os que tiveram a oportunidade de uma formação profissional é a época de transição entre a aprendizagem preparatória e o trabalho. O fato de deixar coisas para trás, é uma pequena morte, do mesmo modo que quando o indivíduo passa a viver sua vida de forma mais criativa e individual, trata-se também de um pequeno nascimento. Novamente a pessoa muda de mundo, e ao separar-se de suas influências originais pode deixar de interessar-se pelo contato com amigos anteriores. Sente como se agora começasse sua vida de verdade e anteriormente não tivesse entendido nada, e sentindo que avançou ou cresceu muito pode desprezar seus colegas de escola ou do posterior ambiente estudantil.

Mais adiante na vida, vem uma terceira época crítica, ao redor dos 36-37 anos: aquela a que freqüentemente se alude como a crise da “meia idade” (“middle age crisis”). Jung foi talvez o primeiro a chamar a atenção sobre como na metade da vida muitas pessoas sentem que já não lhes satisfaz o que estão fazendo, pois parece que o mesmo êxito que tiveram em cumprir com as expectativas de sua adolescência os leva a descobrir a limitação de tais satisfações e propósitos. Mais decisivamente, uma relativa desilusão de seus antigos sonhos e ideais lhes abre para uma busca interior, de modo que, independentemente de influências religiosas, pode-se falar de uma “conversão” pela qual a pessoa se separa relativamente do mundano para entrar em um caminho de evolução deliberada.

Parece que se faz presente um ciclo de doze anos através de nosso desenvolvimento, de modo que à transição da puberdade (aos doze) e ao da maioridade (aos vinte e quatro) segue esta transição da metade da vida (aos trinta e seis), e é curioso que aproximadamente a esta idade que para alguns é a do começo de um caminho, outros (como Buda ou Whitman) chegaram à maturidade espiritual ou encontraram (pense-se em Mozart, Byron, Schubert, Keats e outros), por trás de um florescimento precoce, a morte.

Assim como é crítica a transição da infância para a adolescência, por vezes acompanhada de sofrimento e de problemas, assim como a época de transição para vida adulta é também um momento em que os problemas psicológicos podem alcançar a gravidade das psicoses, a transição que se pode coincidir com um apogeu da problemática do indivíduo. Eu diria que é esta a época em que a neurose individual, que evolui junto com a pessoa de cuja mente e corpo se nutre para sustentar uma existência de parasita, alcança um máximo de desenvolvimento que não pode ser desatendido. É nesta época, por exemplo, em que o obsessivo chega a tal obsessividade que não lhe resta mais que compreender sua enfermidade e propor-se veementemente uma mudança de orientação. Ou aquela em que um alcoólatra sucumbe ao seu vício até um extremo tal que sua vida familiar ou sua própria sobrevivência se vê ameaçada. Porém é precisamente este agravante da problemática emocional e caracterológica o que leva a pessoa a um processo terapêutico efetivo, ou ao começo de um verdadeiro trabalho espiritual.

Ainda que a idéia de que se sucedam ciclos biológicos de aproximadamente doze anos em nosso desenvolvimento se veja confirmada no fato de que os quarenta e oito anos

corresponde ao climatério e os sessenta ao começo da velhice, não são as etapas mais significativas do ponto de vista do desenvolvimento da consciência, pois quem viveu essa mudança de rumo “na metade do caminho de nossa vida”, cedo ou tarde colhe os primeiros frutos de sua busca. Particularmente quando a pessoa se sente suficientemente motivada para buscar ajuda na psicoterapia ou em alguma das escolas espirituais tradicionais, sua etapa de aspirante (ou via purgativa do misticismo cristão) desembocará na assim chamada via iluminativa – um período de colheita e abundância que constitui uma vez mais – e mais que nunca – um nascimento: um nascimento ao espírito, ou um nascimento do espírito.

Porém, nem sequer esta fase de consciência expandida constitui o fim do desenvolvimento interior, pois segue à fase iluminativa - cedo ou tarde - essa contração da consciência que no mundo cristão se conhece como “a noite escura da alma” – o *nigredo* dos alquimistas – que é por sua vez um período de incubação e uma morte interior: aquela a que São Paulo aludia ao falar da morte do “homem velho” que precede ao nascimento do homem novo. Poucos chegam a conhecer esta “noite escura” que constitui a seguinte e mais grave crise do desenvolvimento humano, mas penso que o que sabemos a respeito (através da experiência desses poucos que, como Jonas, foram tragados e regurgitados) interessa não só (como sempre) aos peregrinos em sua viagem interior, senão a todos – por sua relevância em relação à nossa situação coletiva. Pois, como me proponho a compartilhar através das seguintes páginas, penso que aquilo que no desenvolvimento da consciência individual é o período de obscuridade que precede a essa fase de maturidade definitiva do espírito que se conhece na teologia mística como a via unificadora é onde encontramos o mais adequado paradigma para a fase da evolução coletiva pela qual agora atravessamos.

Entretanto, o que venho propor supõe a consideração da história em seu conjunto e de suas etapas. É certo que nela se podem discernir saltos ou transições críticas análogas às que se observam no desenvolvimento individual? E são esclarecedoras do processo histórico as noções de morte e de nascimento? Na evolução psico-espiritual do indivíduo é pertinente a noção de transições que conduzem por sua vez o caráter de nascimento e de morte porque, em que pese a conotação da palavra “indivíduo”, nossa mente é dual: longe de sermos seres unificados, trazemos conosco, junto a nosso ser essencial, uma espécie de subpersonalidade parasitária que podemos chamar nossa neurose. (Parece-me lamentável que a palavra “neurose” esteja desaparecendo da linguagem psiquiátrica moderna, pois se necessita de algum termo para aludir ao fato de que a maior parte das síndromes conhecidas pela psicopatologia constituem manifestações alternativas de um mal semelhante, e não uma verdadeira multiplicidade). Pode-se dizer que albergamos em nós dois eus – um saudável e o outro (eco de um mal coletivo) enfermo; assim como o desenvolvimento precoce consiste por sua vez na maturação de nosso ser parasitário – quer dizer, uma complicação e fortalecimento de nossa psicopatologia. Posteriormente, quando começa (no melhor dos casos) a recuperação de nossa saúde, pode-se dizer que nossa parte enferma vai morrendo, e nossa parte saudável, liberada de interferências, vai surgindo ou nascendo.

Aplicada à nossa condição coletiva, esta idéia pode resolver a paradoxal, porém inegável observação de que nossa história alterna progresso e decadência: progredimos em nosso conhecimento e domínio do mundo, porém nosso mal coletivo também evolui – do que nos vamos liberando, porém que até agora, como ante um inimigo parcialmente aniquilado que consegue reforços – não terminamos de vencer.

Parece claro que no começo de nossa história, como no começo de nossa vida individual, desenvolvemo-nos em um ambiente traumático. O trauma com que se encontra cada criatura que sai do ventre materno nos era invisível até há pouco, da mesma maneira que é invisível para o peixe a água em que se move. A universalidade e antiguidade de nossa condição nos haviam acostumado e em certo modo atrapalhado a alma. Em nosso tempo de maior consciência psicológica, não obstante, são muitos para quem se tornou evidente aquilo que Reich chamava a “praga emocional”, transmitida através das gerações como o pecado original. Pelo menos as pessoas que atravessam um processo terapêutico tomaram consciência das feridas de sua infância e da origem destas nas aberrações caracterológicas de seus pais – e basta ter

compreendido isto para compreender que os defeitos de seus pais, por sua vez, foram eco das limitações na capacidade amorosa de seus respectivos progenitores – e assim sucessivamente. Do mesmo modo que o indivíduo sofre e adocece (sabendo-o ou não) a raiz da angústia, frustração e insegurança em seu encontro com a aberrante condição emocional de seu entorno, é difícil por em dúvida que os primeiros humanos sofreram de uma grave ameaça à sua sobrevivência: pois a história de nossa espécie começa durante o último período glacial, quando à ameaça do frio se uniu à da fome, e a necessidade de sobreviver em condições tão precárias seguramente trouxe consigo a de matar – talvez outros humanos.

Isto é muito paradoxal. Pode-se ler a história de duas maneiras. Com um contínuo progresso, como os darwinianos quiseram lê-la e como até a década de 1950 – não muito tempo atrás – era a visão predominante, ou segundo outro ponto de vista, que coincide com a leitura antiga das tradições espirituais. Segundo esta, caímos de uma condição arcaica paradisíaca e não acabamos ainda de cair: vamos caindo através das idades, e nosso progresso científico se insere num contexto de crescente desumanização.

Spengler mostrou como todas as grandes civilizações nascem gloriosas e depois de um período fértil dourado alcançam seu verão esplendoroso em que suas potencialidades florescem, porém logo começam uma longa decadência até que, chegadas ao seu período invernal, atrofiam-se e fossilizam-se. Logo Toynbee escreveu esse extenso *Estúdio de la História* que foi tão célebre em seu tempo, ainda que agora não esteja tão em moda porque os historiadores consideram conhecido de sobra o fato de que, como ele mostrou claramente, as civilizações nascem em resposta a desafios e com o tempo morrem. E às vezes ocorrem casamentos como no caso da nossa, que é híbrida de uma dupla origem: porque nossa civilização é o prolongamento do mundo greco-romano podemos dizer que fomos maternizados por ele, porém o mundo greco-romano foi fecundado pelo mundo judaico cristão, e ainda que nossos genes tenham chegado principalmente dos indo-europeus, nosso espírito (apesar do anti-semitismo da civilização européia) nos chegou em grande parte de Abraão.

Porém voltando à consideração da própria alvorada da história: dizia que assim como ocorre na vida individual, em nossa evolução mais primitiva coincidiu a maturação de nossas faculdades com circunstâncias altamente traumáticas. De modo que, assim como individualmente caímos do paraíso do ventre materno para este mundo de cabeça para baixo e passamos mal já na sala de partos de um hospital qualquer (onde nos golpeiam as costas, com a falta de sensibilidade característica de nossa cultura, para confirmar através de nossos gritos que estamos vivos), também em nossa vida coletiva temos caído de “ponta-cabeça” (e de cabeça). Por mais que o desafio desta queda da abundância da vida selvagem tropical para a precariedade tenha sido um estímulo à astúcia e a essa inteligência prática que hoje vemos culminar no desenvolvimento tecnológico, também perdemos algo em nosso necessário endurecimento. Creio que convém entender o desenvolvimento da história como o de uma planta que se contaminou com um parasita: à medida que cresce, também cresce o parasita que se alimenta de sua vida. Assim, à medida que nosso ser evolui através da história, evolui também nossa enfermidade, que hoje em dia faz pensar em câncer.

Ocorre na vida individual que para superar a programação disfuncional de que dependem nossos sintomas e dificuldades na convivência, devemos remontar-nos ao trauma original – que nem sempre é exatamente um incidente, mas que é, com frequência, uma situação permanente ante a qual devemos aprender a nos defender com a adoção de um falso eu e a traição do nosso ser verdadeiro. Diz-se que o principal sentido da história é o de entender o presente, e penso que também no coletivo é possível que a cura de nossa condição coletiva alienada deva passar pela compreensão e reconsideração de nosso trauma histórico original, que não foi outro senão aquela ameaça de fome, e da indiferença que nos ensinou a matar nossos semelhantes para sobreviver. Os escassos restos da alvorada de nossa história de *Homo Sapiens* sugerem que nossos antepassados *Cromagnons* tiveram que aprender a comer não só grandes animais, como ursos polares, mas também a seus primos, os *Neanderthais*. A extinção do homem de *Neanderthal* por essa época, assim como a notável proporção de crânios perfurados entre seus restos, levam a pensar que tivemos que fazer-nos canibais – torna-se compreensível o fenômeno

do canibalismo em tempos recentes como um vestígio de um canibalismo necessário e sacralizado de tempos remotos.

É muito interessante considerar como a religião em suas origens esteve intimamente ligada aos sacrifícios, que primeiro foram sacrifícios humanos e depois foram se transformando em sacrifícios animais para chegar, por último, a sacrifícios simbólicos e à concepção psicológica do sacrifício do eu. Recebeu muita atenção recentemente entre os antropólogos e historiadores o livro de René Girard intitulado *A Violência e o Sagrado*, que pretende entender esta relação entre violência e religião como resultado da santificação de um crime original arcaico. Sem compartilhar das interpretações de Girard, penso que tivemos que romper nosso vínculo original no alvorecer de nossa história. E creio que nos ajuda a compreender, tanto o trauma original de nossa espécie como a origem dos ritos de sacrifício, um costume observado em tempos não muito distantes pelos esquimós, que depois de criar um urso polar como um animal doméstico querido, preparam-no para a transição feliz para uma vida melhor antes de sacrificá-lo e comê-lo. Não é difícil entender empaticamente sua situação psicológica de ter que reconciliar o amor com a necessidade de matar para sobreviver. O rito sacrificial, pode-se dizer, é uma maneira de descriminalizar uma violência inevitável através de uma sacralização compensatória e por vezes expiratória. Com o decorrer do tempo, não obstante, acostumamo-nos a nos considerar donos da criação e a trivializar a morte, não só de animais, mas – particularmente durante a era da televisão – de humanos. Isto favorece a persistência da atitude cripto-canibalística que caracterizou nossa história de exploração violenta e se faz sentir tão dramaticamente na atual cobiça exterminadora do império global capitalista, que arrasa a natureza, os despossuídos e os valores humanos. A antiguidade remota da voracidade e da insensibilidade humana torna compreensível que através da história tenham sido poucos os pensadores que consideraram o ser humano como intrinsecamente amoroso. Certamente não nos temos nos comportado como seres bondosos através de nossa história coletiva, e os mais realistas não puderam desconhecê-lo. Todavia penso que a fé de Rousseau em nossa bondade intrínseca antecipou a visão majoritária da psicologia moderna e reflete uma compreensão psicológica mais aguda que o cinismo de Maquiavel: hoje em dia reconhecemos como profética sua noção de que estamos presos na civilização e devemos voltar em certo sentido a uma condição arcaica. Acertadamente, então, Salvador Pániker propõe uma evolução retroprogressiva, em que o avanço implica na recuperação de algo primitivo que perdemos.

O próximo passo – ou passagem – em nossa história é o que nos levou a uma anarquia competitiva (como Darwin imaginou a propósito da evolução natural das espécies) o que se chamou o período neolítico em alusão aos restos arqueológicos de ferramentas e armas de pedra polida. Porém mais importante que o progresso técnico no trabalho da pedra, foi então, a transição da vida nômade para a vida sedentária, que se tornou possível com o começo do cultivo de vegetais. Fala-se frequentemente desta transição como da “revolução agrícola”, porém isto pode parecer pouco na compreensão de uma mudança mais profunda, pois não só nasceu naquele tempo a agricultura, como também, mais amplamente, a cultura: as primeiras tumbas não só apontam para uma consciência da morte como para uma veneração dos mortos onde se adivinha a concepção de algo além. Outros sinais nos confirmam que nesta época – entre uns trinta a dez mil anos atrás – nasce o espírito religioso. E nasce a arte – de onde nos chegam as magníficas pinturas rupestres de Lascaux e outras cavernas, assim como objetos entalhados em pedra ou marfim; e começa a cerâmica e surgem os primeiros têxteis. Além de tais inventos específicos (que incluem além da agricultura, as casas e as roupas, a cerâmica e a cestaria) percebe-se um espírito comum de cultivo e cuidado, como se o cultivo da terra não fosse mais do que uma extensão do cultivo e cuidado humano e como se a habitação e as vestimentas, como as próprias cavernas, fossem projeções do útero materno sobre o mundo exterior. Ainda que não tenha completa unanimidade acerca disso entre os estudiosos, parece que o sedentarismo e a revolução agrícola foram iniciativas femininas e é coerente com isto a descoberta de abundantes figuras de mulheres entre os restos arqueológicos – figuras de ventre e peito proeminentes que sugerem uma homenagem à procriação e à maternidade. Começa no neolítico – ao menos na

costa do Mediterrâneo e Oriente Médio – o que hoje em dia alguns chamam de época “matrística”.

Foi Bachofen, notável historiador contemporâneo e colega de Nietzsche na Universidade da Basileia, no fim do século XIX, quem pela primeira vez formulou a idéia de que algumas instituições e usos que foram considerados simples expressão da natureza humana fossem parte de uma cultura “patriarcal” relativamente recente, antes da qual havia existido um “matriarcado”. A partir de análises de textos (como os de Heródoto) e de artefatos, observou que em outro tempo a cultura estava centralizada na figura da mulher e que os valores masculinos (de heroísmo guerreiro) estavam sujeitados a valores femininos (de cultivo e afirmação da vida). Assim, na Grécia, por exemplo, antes da era dos deuses olímpicos havia dominado na vida religiosa a figura da Grande Deusa Mãe, e esta religião diferente havia se associado a outras prioridades no âmbito do direito e a um distinto regime de propriedade – em que, como o próprio nome das pessoas, transferia-se através da mãe. A idéia de Bachofen constituiu um forte estímulo para o desenvolvimento da antropologia que, em seu início, interessou-se vivamente em investigar a existência de culturas matriarcais contemporâneas. O resultado de tais indagações foi analisado cuidadosamente em uma extensa obra de Robert Briffault¹, e pode-se dizer que para alguns a informação recolhida não validou suficientemente a idéia de um “matriarcado”; todavia o domínio da mulher ou do feminino não deve ser entendido em forma análoga ao domínio masculino² – pois a dominação através da força é algo que só aparece com a supremacia do homem e, por mais que seja certo que não se encontraram exemplos importantes de “matriarcado” no sentido etimológico de “governo” feminino, são muitas as culturas “matrísticas” nas quais o poder do feminino se expressa através da dignidade e influência das mulheres e a proeminência de valores femininos. Entre estes, o mais característico, junto à reverência pela vida e a sacralidade da procriação, parece-me a solidariedade tribal.

Ainda segundo a convenção dos historiadores, a revolução agrícola do neolítico precede em milhares de anos o nascimento das primeiras civilizações. É nesta época, durante a qual a presença da mulher parece suavizar e agregar profundidade emocional à vida dos primeiros caçadores nômades, que começa a se fazer presente o movimento civilizador que floresce com as primeiras grandes cidades.

Bem poderíamos dizer que não só nasce durante a era matrística a cultura propriamente dita, como o homem.

É, pois, então que o animal humano se torna efetivamente um animal cultural. Na linguagem do Gênesis podemos dizer que esta é a época Adâmica da História, a época em que fomos insuflados pelo espírito. Se buscarmos uma analogia para esta etapa de maturação e por sua vez a socialização e a culturação de nossa espécie, encontramos a transição para maior maturidade e socialização que tem lugar com a chegada à segunda infância.

Também neste caso observa-se uma certa suavização da instintividade apenas inibida da primeira infância – inibição característica do que Freud chamou um “período de latência” – e para a maioria das pessoas a vida anterior, como uma pré-história pessoal, desaparece no esquecimento.

Porém depois de Adão, vem Caim e, segundo as breves palavras do relato bíblico, a época de Caim e Abel não é só aquela em que, expulsos do Jardim do Paraíso, iniciamos na criminalidade, como também na idade dos metais.

É com esta nova transição na história de nossa cultura que se considera o término da pré-história e começa a história propriamente dita da assim chamada “revolução urbana”; é também aquela em que inventamos o alfabeto e, com o começo da escrita, começamos a deixar um registro explícito de nossos atos e pensamentos.

A época da Glaciação aparentemente seguiu-se uma na qual o derretimento dos gelos causou grandes inundações e chuvas – o “dilúvio” de tantas lendas antigas. Porém a terra logo

¹ The Mothers.

² A diferença está claramente expressa no título de um livro da antropóloga Peggy Reeves acerca das origens da desigualdade sexual: *Poder feminino e domínio masculino*.

começou a secar e os povos a se agruparem em torno aos grandes rios: os da Mesopotâmia, o Nilo, o Yangtsé e o Ganges. Em suas margens grandes massas humanas tiveram que cultivar a terra e, para coordenar seus esforços instituíram um sistema de autoridade hierárquica em grande escala. Que se tratasse de uma autoridade benigna nos sugere tanto a razão como o fato de que os primeiros governantes fossem reis-sacerdotes e não possuíssem terras: sabemos que entre os Sumérios eram os deuses os donos da terra e os reis-sacerdotes somente seus intermediários e servidores. Também sabemos que a autoridade é uma coisa muito delicada e como freqüentemente se repete desde que Lord Acton observara, “a autoridade corrompe e a autoridade absoluta leva à corrupção total”. Em outras palavras: maior autoridade, maior perigo de que passe a servir a interesses pessoais que entram em conflito com o bem comum. Ademais, está assinalado, como o curso da história já mostrou uma ou outra vez, que a autoridade se transforma em autoritarismo, que sob o regime autoritário mandam os que têm a paixão de mandar, e que os interesses criados alimentam a sede de poder.

A época que segue a idade matriarcal foi caracterizada por Ken Wilber, como uma etapa “solar” no desenvolvimento histórico da consciência. Assim o justifica não só o notável avanço cultural que significou o aparecimento de importantes inventos como a escritura e o calendário, como os grandes templos nos fazem sentir um avanço espiritual: a antiga religião da terra se agrega agora à religião do céu – quer dizer: a intuição de uma sacralidade transcendente.

Entretanto não podemos desconhecer o aspecto problemático do advento da sociedade patriarcal: só então começaram as guerras e com o novo regime começou também a escravidão.

É provável que a escravidão tenha começado com o rapto de mulheres. Tal como nos mostram os filmes de Hollywood acerca dos Hunos e outros Árias primitivos, hordas de guerreiros que se deixam abater sobre uma população sedentária e levam as mulheres como fêmeas reprodutoras e serventes domésticas. Depois os poderosos vencedores parecem haver-se dado conta de que uma escravidão mais generalizada poderia ser tanto possível como conveniente: não só as mulheres podem ser capturadas e vendidas como também os homens.

Já que da escravidão ao estabelecimento de classes sociais é só um passo, pode-se compreender a violência original contra as mulheres como a origem do estabelecimento permanente de uma classe oprimida – assim como de uma classe opressora que se arroga o direito de governar a outra “para o seu próprio bem”.

Existem indícios de que o estabelecimento do regime patriarcal tenha implicado numa revolução violenta e assim o sugerem diversos mitos, como aquele que relata como Apolo, depois de sua derrota perante serpente Piton a substitui no oráculo de Delfos, ou o de Perseu, herói grego de quem se narra como, com a ajuda de Hermes e Pallas Atena, corta a cabeça da terrível medusa Górgona. A Górgona, como Piton, uma personificação da Grande Deusa Mãe, tem uma cabeleira de serpentes, o que sugere sua relação com o mundo arcaico da instintividade (é universal a associação da Deusa Arcaica com a serpente, e também é universal a volta do mundo patriarcal contra a serpente como reflexo da substituição da religião da terra e da vida por uma religião do céu e da transcendência).

Se bem que é compreensível que no feminismo de hoje haja uma tendência a identificar a era matrística com o legendário paraíso perdido, inclino-me a pensar que é mais exata a visão dos antigos, que concebiam esse tempo – a mítica “idade da prata” – como a primeira fase de deterioração com respeito a uma condição prévia de harmonia original à qual se aludiu como uma “idade de ouro”. Assim o sugere a associação das culturas matrísticas com os sacrifícios humanos, como também seu regime de tirania grupal. Erich Fromm interpretou esta fase no desenvolvimento coletivo de nossa consciência como uma etapa de estancamento através de uma “união incestuosa com a terra”, e suspeito que a revolução através da qual os bandos masculinos de caçadores se apoderaram do poder tenha sido sentida como um gesto libertador em prol da evolução das potencialidades humanas e contra as limitações do status quo.

É mais que possível, então, que a revolução patriarcal, apesar da violência criminal que injetou em nossa cultura, tenha correspondido a uma necessidade – constituindo, como nossa antropologia original, um crime sagrado. Que assim possa ter sido, não obstante, não significa que o regime patriarcal continue sendo necessário; ao contrário, hoje em dia interessa que

compreendamos cabalmente a destrutiva obsolescência da civilização patriarcal e, se é certo que se pode aplicar à consciência coletiva a estrutura do processo de transformação do indivíduo – processo que supõe a compreensão e reconsideração das feridas do passado e das correspondentes formas reativas primárias de nossa atitude ante o mundo, que se tornaram automáticas e inconscientes – é imprescindível que compreendamos que desde tempos muito remotos as formas de vida que temos considerado corretas não têm sido funcionais nem amorosas. E mais: devem ser revisadas e devemos nos abrir para a possibilidade de termos nos equivocado. Assim como nada ajuda tanto o indivíduo como entender o que se passou no começo de sua própria vida para encaminhar-se para a liberação, penso que agora estamos necessitando considerar que nossos problemas comuns presentes não são senão o desenvolvimento natural do que está se passando há milênios.

E não se trata simplesmente do capitalismo nem da mentalidade que surgiu com a era industrial, nem é simplesmente algo que tenha complicado nossas vidas durante os últimos séculos: trata-se de algo tão antigo como nossa própria civilização e podemos aludir a isto como a “estrutura profunda” disso que começou há uns quatro, cinco milênios com a assim chamada “Idade do Bronze”. Tal é a natureza de nossa crise, termo que, como torna manifesto o tão citado hexagrama do *I Ching*, traz tanto perigo como oportunidade. E descobrir que além do autoritarismo, da violência, do nacionalismo, do mercantilismo e outros males tão indubitáveis como bem conhecidos, o mal fundamental que nos aflige encontra-se na estrutura patriarcal de nossa mente e de nossas relações, convida-nos a pensar que estejamos fixados numa etapa adolescente de uma consciência coletiva, ainda que hoje em dia tal imaturidade seja insustentável.

Porém sigamos adiante com a consideração das analogias entre a evolução do indivíduo e as fases da história. Se a puberdade ou primeira adolescência de nossa espécie foi a tão heróica Idade do Bronze na qual se instituiu o domínio masculino através da violência e da astúcia, pode-se dizer que alcançamos a uma maioridade coletiva com esse desenvolvimento posterior da sociedade patriarcal que se caracterizou pelo surgimento dos primeiros impérios: época que tanto a mitologia como a arqueologia designa como “Idade do Ferro”. E se a “Idade da Prata” matrística em que nos tornamos agricultores sedentários correspondeu ao período “edênico” de nosso mito bíblico e a transição para a Idade do Bronze foi ali assinalada por Caim – o primeiro metalúrgico – a Idade de Ferro é a idade de Nimrod, e continua na dos gigantes e dessa perversão crescente com que se caracterizam os tempos entre Babel e o dilúvio.

Porém o relato bíblico é um mosaico no qual se integram várias histórias precedentes e, dizem os historiadores que, alegorias à parte, é a conquista de Canaã a que corresponde à Idade do Bronze e que a Idade do Ferro na história de Israel corresponde aos tempos do rei David e de Salomão – quando provavelmente foram escritos os assim chamados “*Livros de Moisés*”.

Na Grécia, a Idade do Ferro começa com a Guerra de Tróia e na Índia, com a guerra entre Pandavas e Kauravas que constitui o tema do *Mahabarata*. A Idade do Ferro é também a dos primeiros impérios mesopotâmicos – a do legendário Gilgamesh e seus excessos. Os gregos da época homérica exaltavam Aquiles e Ulisses, porém também concebiam seu tempo como menos esclarecido que aquele no qual haviam vivido a maior parte dos heróis semi-divinos. Tanto neste caso como nos da Babilônia e Egito pode-se dizer que a grandeza da heróica Idade do Bronze se complicou com uma maior grandiosidade. Joseph Campbell criou a expressão “inflação mística” em referência à atitude que levou os egípcios a enterrar seus faraós em companhia de sua família e servidores – sufocados em suas tumbas em um ato de total devoção. Transparece, em tal prática, mais que uma simples hierarquia em torno do poder espiritual, uma espécie de embriaguez de poder que se volta desnecessariamente contra a vida. Diríamos que, da mesma forma que na psicologia individual, a grandiosidade esconde uma insegurança e uma necessidade de afiançar um poder que se vê ameaçado ou duvida de sua própria legitimidade.

Se a idade de bronze com sua revolução patriarcal constituiu a puberdade de nossa espécie, podemos dizer que a idade do ferro – com o apogeu destrutivo do poder violento que trouxe consigo – corresponde a essa segunda adolescência que chamamos “maioridade”.

Todavia, dizia que em nosso desenvolvimento pode se seguir à adultez (no melhor dos casos) outra transição crítica, que se associa com a desidealização de nossos sonhos adolescentes e ao começo de um novo rumo. É a isso que se chamou a “crise da metade do caminho” (mid-life crisis) e isto que constitui a “crise de entrada” ao caminho propriamente dito: iniciação, conversão ou metanóia.

Quando se dá essa crise, atravessa-se um umbral que leva a um processo de autoconhecimento e auto-realização em que os valores do mundo adulto parecem tornar-se obsoletos e dessa vontade de deixar para trás o conhecido surge um novo: uma primeira aproximação da experiência espiritual propriamente dita ou experiência contemplativa. Nasce propriamente a consciência do buscador e começa agora uma viagem interior que se fará cada vez mais alta e mais profunda.

Algo assim podemos também encontrar no processo de nossa evolução social. Depois da idade de nossa sangrenta adultez, quer dizer, durante o patriarcado degenerado, surge essa fase da história que Jaspers propôs chamar “o período axial” justamente porque nos parece como uma metanóia coletiva.

Assim como em seu começo mesmo as civilizações surgem com uma sincronia que nos faz pensar em uma rede única de consciência (já neste mundo ou através de sua participação comum em outro invisível), também nos chama a atenção a sincronia das culturas nos tempos de Zoroastro, dos *Upanishades*, de Buda, de Confúcio, Lao Tsé ou Sócrates. Ainda em seu empenho de encontrar algo análogo na história do povo judeu uns 500 anos a.C., Jaspers aponta Isaías; parece-nos mais razoável encontrar o verdadeiro paralelo em Jesus Cristo apesar da defasagem temporal – compreensível em uma cultura que persistiu por tão longo tempo em sua forma de vida pastoril. Na lenda do povo judeu, não obstante, o florescimento da consciência que se segue a uma superação da idade do ferro é simbolizado em Noé, e a mesma transição encontra eco no relato da migração de Abraão de Caldéia, que continua com a descrição do desenvolvimento da mente profética através da história de Abraão e dos demais patriarcas.

Pareceria que o período axial constituísse o equivalente da fase iluminativa de nossa evolução coletiva, porém é mais exato compará-lo com a epifania que precede – como a estrela que anuncia o presépio ou a sarça ardente que pressagia o Sinai – pois se trata da iluminação de uns poucos, o que de nenhuma maneira corresponde a uma transformação coletiva. E é característico do período axial que a consciência dos profetas seja ignorada – como essa “voz que clama no deserto” da qual fala o evangelho de João – e eles mesmos convertidos em vítima pela ignorância destrutiva das maiorias. Alguns dos heróis do período axial são “crucificados”, de uma ou outra maneira: José é vendido como escravo no Egito, Sócrates condenado à cicuta, outros se afastam do mundo – como Lao Tsé ou Buda, que prega uma retirada coletiva. Em todo caso, trata-se neste tempo de uma consciência muito diferente daquela que, em uma época precedente, inspirou a Guerra Santa dos arianos do Irã antigo ou da Índia védica: trata-se agora de uma consciência despojada da grandiosidade e excesso característico dos faraós ou dos heróis gregos. Podemos dizer que, com o passar dos séculos, os arianos dominadores foram se impregnando do espírito matrístico das culturas dominadas e, na Índia, o espírito dos *Upanishades* foi fruto dessa síntese entre o mundo védico ariano e o espírito ctônico das culturas mais arcaicas de Mohenjodaro e Harappa. Igual ocorre nos tempos da Grécia clássica, durante a qual Ésquilo em sua *Orestíada* torna explícita uma aspiração ao equilíbrio entre o espírito patriarcal de seu tempo com o espírito matrístico do passado.

Do mesmo modo que o fruto do período axial foi apenas uma consciência minoritária, semente de uma maior consciência futura, a nova consciência que emerge no começo da transformação do indivíduo pode-se dizer que é a semente da futura “fase iluminativa” do caminho – pois constitui uma consciência insular que ainda não se integrou ao mundo emocional ou ao da ação. Poderíamos dizer que a conversão ou metanóia e a iluminação diferem como o nascimento de um embrião difere do nascimento propriamente dito ou como uma semente difere da árvore crescida que ainda não deu seu fruto. Analogamente, as religiões que começaram no período axial da história podem ser concebidas como organismos sócio-culturais de natureza seminal, e a semente da igreja cristã parece não nos haver dado até agora um mundo de acordo

com seus ideais e preceitos, pois o estado de nossa consciência coletiva, ainda em nosso tempo apocalíptico, é tal em que a idéia que uma sociedade regida pela sabedoria e o amor continua sendo um sonho, e um sonho que talvez a maioria dos intelectuais considera incompatível com a “natureza humana”.

Como na crise da metade do caminho em que o indivíduo atravessa uma transformação somente parcial – que compromete mais sua mente que seu coração ou seu corpo – depois da catástrofe da mítica “idade do ferro” surgiu uma cultura espiritualmente superior que, só por manter-se alheia ao sistema sócio-cultural e político ou por saber adaptar-se a ele, foi, por sua vez, tolerada – e inclusive altamente respeitada. Com a perspectiva dos séculos, não obstante, faz-se transparente o preço da concessão que fizeram as velhas religiões para serem deixadas em paz. No caso do cristianismo, resume-se tal concessão no célebre dito “dai a César o que é de César”.

À fase de entrada no caminho e a este período de aspiração e esforço designado no cristianismo como a “via purgativa”, segue no desenvolvimento individual a nossa transição qualitativa que se conhece como “via iluminativa”. É então que começa propriamente a vida espiritual para o indivíduo, que já não é mais só um buscador, mas alguém cuja mente se abriu para a experiência contemplativa. Como a puberdade, a entrada à maturidade e a entrada ao caminho, trata-se de uma passagem a um novo nível de existência do qual se pode falar em termos de um novo nascimento. É também essa transição o ponto de entrada para a fase do desenvolvimento em que o indivíduo é surpreendido por um impulso evolutivo espontâneo e irreversível. Algo semelhante pode ser dito do que foi na história da civilização o Renascimento Europeu.

Assim como floresce a vida do indivíduo na experiência iluminativa, pode-se dizer que floresceu nossa civilização no Renascimento, que constituiu seu verdadeiro nascimento – pois só então surgiu efetivamente a síntese entre os legados greco-romano e judaico-cristão.

Mais do que nada, não obstante, o Renascimento foi o começo de uma liberação através da qual começa a superar-se um milenar autoritarismo secular e eclesiástico. E a esta liberação seguiu-se uma aceleração considerável do ritmo da evolução social em ondas sucessivas.

No começo, o Renascimento caracterizou-se pela afirmação da liberdade individual, que se expressou principalmente na reafirmação dos valores da cultura greco-romana, eclipsada por séculos de cristianismo medieval; logo, fez-se mais explícito o questionamento da autoridade eclesiástica e isto levou tanto ao correspondente reforço do poder da nobreza como à investigação do mundo através da observação e da razão, agora relativamente liberada do pensamento dogmático.

Seguiram-se as revoluções sociais, tanto na França como nas colônias européias nas Américas, nessa época que chamamos “o século das luzes” – que não só foi o triunfo da razão em Kant e em Voltaire, como também aquele em que Beethoven e Rousseau advogaram pela liberação do coração, originando o movimento romântico.

E uma vez mais uma onda revolucionária caracterizou o século seguinte, quando as contribuições do conhecimento científico se haviam complicado com os problemas econômicos e humanos do industrialismo. Pode-se caracterizar aos revolucionários deste tempo como defensores implícitos da instintividade, e a influência de Nietzsche, com seu ataque à civilização cristã em nome da vida e do espírito dionisíaco, foi muito mais além da que usualmente se registra na história da cultura quando se lhe proclama originador da filosofia existencial. Seu desmascaramento da hipocrisia inconsciente de seus contemporâneos não havia tido precedentes, e se compreende que Freud dissesse que Nietzsche havia sido o homem que melhor havia conhecido a si mesmo. Foi dele principalmente que Freud herdou sua visão particular das “vicissitudes dos instintos” sob o império do moralismo, e por mais que não chegara em sua proposta teórica à condenação da civilização (preferindo, ante a clara visão de sua incompatibilidade com a vida instintiva, condenar esta última) seu trabalho prático foi o de um liberador da sexualidade.

E o que Freud fez pelo sexo, fez Marx pela fome – quer dizer pelas necessidades associadas ao instinto de conservação.

Suspeito que, como em uma estrutura fractal, o processo histórico total – observável através dos milênios – reflete-se na estrutura de cada uma das civilizações de maneira análoga como em certas cotas a estrutura que mostra um mapa é semelhante à que se pode ver em outro em escala maior. Se considerarmos especificamente a estrutura da civilização ocidental, ao menos, a analogia é clara. Se identificarmos o tempo de seu nascimento com o de Jesus Cristo, o Renascimento nos aparece como uma puberdade, o século das luzes como sua maioridade e a época de Marx e Freud – que constituiu uma mudança de rumo ante a consciência da exploração (social) e a repressão (psíquica) – como o equivalente coletivo da crise da metade do caminho.

Segundo tal análise “microscópica” do nosso ciclo histórico específico, a última onda de liberação – que corresponderia à fase iluminativa do desenvolvimento individual foi a desse breve, porém poderoso renascimento planetário dos anos sessenta; movimento de caráter por sua vez neofreudiano (por seu forte componente terapêutico) e neomarxista (por seu espírito libertário) a que se aludiu através de expressões tais como “a nova era” e “a revolução da consciência”. Nesta perspectiva mais abrangente que proponho, não obstante, a revolução cultural da “nova era” nos aparece somente como uma última etapa – de alcance planetário – em um processo iluminativo e liberador de transformação social que teve seu começo em Florença durante o século XIV.

De uma ou outra maneira, segue-se à fase iluminativa do desenvolvimento a “noite escura da alma”, e se é válido o isomorfismo que venho propondo entre o individual e o social, cabe-nos esperar um obscurecimento coletivo da consciência. Tanto a interpretação do Renascimento como a fase iluminativa da história como a do movimento cultural dos sessenta como a fase iluminativa da civilização cristã ocidental, dizem-nos que estamos à beira do equivalente histórico dessa etapa de “noite” ou “contração”. E, com efeito: apesar do progresso técnico, parece que o processo de liberação iniciado no Renascimento se deteve umas duas décadas.

Porém antes de proceder a uma consideração da “noite obscura da alma” como paradigma de nossos tempos críticos, convém que nos detenhamos em um exame mais preciso da onda cultural dos anos sessenta, assim como no que a experiência do desenvolvimento individual nos diz a respeito da transição entre a expansão (iluminativa) da consciência e a contração que se segue.

Começo assim pela chamada “nova era”, que em seu momento foi sentida por muitos como a ante-sala de um mundo feliz e que hoje aparece diante da consciência popular como uma moda boêmia transitória e superada. Foi esta a época da qual escreveu Marilyn Ferguson em seu popular livro sobre *“A Conspiração de Aquário”*, e tanto a alusão à Era de Aquário (que segundo os astrólogos segue a de Peixes durante os seguintes dois mil e poucos anos) como a expressão “Nova Era” evocavam uma maneira de ver e sentir extremamente ligada a uma nova cultura terapêutica e espiritual que se manifestou como uma efervescência criativa notável no surgimento de numerosas escolas e líderes carismáticos, às vezes com características que justificaram que Jacob Needleman – em seu livro clássico sobre aquele tempo – falasse de novas religiões³.

Porém este movimento terapêutico e espiritual teve lugar em um contexto mais amplo, pois coincidiram – nos tempos da Guerra do Vietnã – com o despertar do pacifismo, de diversos movimentos de justiça social, do feminismo e do ecologismo. E principalmente definiu este período de nossa história cultural o que o historiador Theodor Rozak, escrevendo em fins da década de sessenta, descreveu como o nascimento de uma “contracultura”: uma subpopulação minoritária porém notável de indivíduos animados pela consciência de que o “sistema” em que vivemos (o sistema do estabelecido que naquele tempo começou-se a chamar de “Establishment”) não merece nossa confiança nem nosso respeito.

A consciência de que o “mundo está louco” generalizou-se o suficiente hoje em dia de modo que esqueçamos que se trata de algo bastante recente. Se bem que estivesse claro para

³ Needleman, Jacob: *The New Religions*. Double Day. Janeiro 1970.
ASIN# 0385034490

os mais esclarecidos nas tradições espirituais antigas que o mundo vive “no pecado” ou em uma espécie de carrossel de sonhos, a idéia de uma queda ou degradação da consciência coletiva a partir de uma condição de maior plenitude espiritual foi caindo no esquecimento e terminou por ser substituída – depois de Darwin e do industrialismo – pela crença em um contínuo progresso. É a Freud que devemos a noção da universalidade da neurose, e foram seguramente os pós-freudianos – como Fromm e seus colegas da escola de Frankfurt, assim como R. D. Laing e a sociedade dos psicólogos humanistas – os que chegaram a esta compreensão mais cabalmente. Porém na década de sessenta a intuição de que “o mundo está do avesso” popularizou-se e encarnou-se principalmente em pessoas, geralmente jovens que, explícita ou implicitamente desiludidas do mundo convencional, de seus valores e suas tradições, empreenderam uma busca em prol de uma consciência e de uma vida nova. Chamaram a si mesmos “hippies”, porém essencialmente foram jovens que, insatisfeitos com os caminhos conhecidos, dispuseram-se a deixar para trás o familiar para experimentar livremente o desconhecido.

Hoje em dia a palavra “hippy” vem associar-se à drogadição e a uma marginalidade problemática, pois a contra-revolução burguesa que se seguiu à “nova era” conspirou com êxito em seu denegrimento. Assim parece tê-lo compreendido profeticamente Sasaki Roshi - mestre Zen que escutei dar uma conferência na Universidade da Califórnia em 1965. Com implícito humor e certa provocação, anunciou que falaria do espírito do budismo, e procedeu a explicar que este coincidia com o espírito hippy. O próprio Buda havia sido um hippy, passou a explicar Sasaki quando deixou a casa de seus pais e as comodidades de seu palácio para empreender a busca da verdade.

Porém, hoje em dia, a busca de significado que animou essa geração tem sido escarnecida e até criminalizada pelo espírito policial de um sistema que não perdeu a oportunidade de atacar aos perigosos rebeldes, apontando ao seu entusiasmo psicodélico. Invocando a defesa da saúde pública e a simpatia de familiares preocupados, o “Establishment” levou a criminalização das drogas a um encarniçamento só comparável ao que até então havia sido a guerra contra o suposto perigo do comunismo. Através de tal perseguição não só encheram os cárceres e calaram as juventudes problemáticas, como também sutilmente, enterraram o sentir da cultura emergente sob a lápide da respeitadíssima e repressora “direita cristã”.

Assim como para o indivíduo a fase iluminativa do desenvolvimento da consciência é só uma espécie de “lua de mel” espiritual durante a qual o ego só aparentemente desapareceu sem ter sido verdadeiramente superado, assim também nossa primavera “Nova Era” teve certo caráter de salto até as estrelas e mesmo que tenha levado alguns a sentirem-na como uma prefiguração profética de um futuro possível, não há dúvida de que aqueles que se acreditavam diante das portas do reino de Deus foram sonhadores um tanto otimistas. E é assim que nossa condição coletiva atual pode ser comparada à de Percival que, depois de ter perdido de vista, sem saber como, o castelo do mistério, deve agora enfrentar difíceis provas antes que possa recuperá-lo. E passada nossa lua de mel coletiva, descobrimo-nos em uma crise tão profunda como para nos perguntarmos se a aparente liberação não foi mais que um sonho ou se o que foi engendrado não acabará em um aborto.

É claramente visível que a onda cultural de nosso tempo teve uma fase expansiva que começa no fim dos anos 50 e uma fase de contração contra-revolucionária que começa a dominar a partir dos anos oitenta, porém devemos ter presente que, tanto no individual como no coletivo, os altos e baixos aparentes encobrem uma realidade mais complexa: quando nos parece estar progredindo, estamos simultaneamente caindo e, quando o mais chamativo é a decadência, seguramente pode-se discernir em seu seio um novo desenvolvimento. E é assim que desde o Renascimento não só está tendo lugar uma progressiva liberação como, simultaneamente, uma corrupção e uma desespiritualização. Pode-se entender a aparente contradição tendo-se presente que cada passo em nosso desenvolvimento (tanto interior como social) desenvolve também em nós uma patologia que se pode dizer parasitária: um ego pessoal ou coletivo (de que cada um é portador) que se nutre de nossas energias no afã de realizar uma espécie de sonho que não coincide com nossas necessidades ou potencialidades. E da mesma maneira como na “Noite

Obscura" individual o peregrino descobre que todo o seu progresso foi como nada – já que não encarnou sua suposta realização espiritual em sua vida física nem em sua realidade interpessoal concreta – assim também, parece-me, em nossa noite coletiva descobrimos que continuamos sendo prisioneiros de nosso patrão patriarcal milenar, que se fez mais poderoso do que nunca com o progresso tecnológico e com o afiançamento da ordem estabelecida através do império do poder econômico.

E, não obstante, já que só através da transcendência desse "homem velho" coletivo nosso progresso pode pôr-se a serviço de uma verdadeira evolução, não podemos subestimar a oportunidade que significa nossa crise.

Parece-me que ao progresso de transição coletiva dos sessenta aos oitenta pode-se aplicar o mesmo que sabemos da transição individual a partir do "período iluminativo" até a "noite obscura da alma". Depois da irrupção da consciência espiritual, sobrevém no indivíduo um processo de inflação entusiasta – essa *hybris* dos antigos a qual às vezes aludi como uma "síndrome do aprendiz de bruxo" em que as realizações do espírito passam ao serviço do ego – e o resultado disso é que, confundindo-se o egóico com o visionário, logo tenha lugar uma invalidação e repressão da consciência nova.

Quando depois de seu acesso de arrogância espiritual, o indivíduo se dá conta de que pôs a graça recebida a serviço de seu narcisismo, sua ânsia de poder ou sua conveniência pessoal, vê-se em uma condição semelhante à de Édipo Rei quando, horrorizado diante de seus excessos, arrancou os próprios olhos e se autocondenou ao exílio. E da mesma maneira que o aprendiz na vida espiritual quando começa a amadurecer, depois da tomada de consciência de seus excessos arrogantes os repudia começando assim sua "viagem noturna", assim a inspiração de uma subcultura de jovens buscadores foi se tornando um mercado de charlatania e em um "novo narcisismo", e logo a profusão do ouro falso ajudou para que o mundo desconhecesse o ouro verdadeiro. Chegou assim o momento em que a nova era (já em 1976) queimou em efígie seu hippy (no Golden Gate Park de São Francisco), compreendendo tanto a degeneração de seu ideal como sua derrota ante o poder da ordem estabelecida. Na música, que tão fielmente reflete o espírito dos tempos, o rock terno dos Beatles deu passo ao heavy metal, e o espírito dos "flower children" foi sobrepujado pelos punks. A consciência das juventudes passou da esperança ao cinismo, e a criança interior de cada um, que começava a intuir sua divindade intrínseca, voltou a se converter no malvado de sempre.

E é assim como a contracultura – particularmente no ambiente estudantil californiano – depois de haver inspirado o movimento das liberdades civis, o pacifismo, o feminismo, a ecologia e os alternativismos espiritual e terapêutico, pareceu desvanecer de tal maneira que em nossos tempos conservadores não só se desvaloriza Marx e se ridiculariza o espírito da contracultura ao ponto que nos parece contrário à moda da modernidade e a seus cânones do bom gosto aludir ao império capitalista global que está destruindo a vida na terra em nome da democracia e do progresso. A seu serviço estão os meios de comunicação e sob sua influência crescente estão governos e universidades, tudo o que permite que o totalitarismo, como o lobo da fábula, tenha podido, efetivamente, disfarçar-se de ovelha democrática. Até a filosofia que pretendeu constituir a ciência da verdade, contribui para a confusão através da formulação pós-moderna. No mundo do relativismo que se propõe hoje, tudo é "desconstruível" ao mesmo tempo se afirma que todas as culturas (começando pela própria!) são dignas de nosso respeito. Porém o mundo funciona como se a única coisa que pudesse movê-lo fosse o dinheiro. E a única ideologia sancionada pela autoridade política no mundo contemporâneo é a que afirma o direito às empresas a comprar e vender na liberdade dos mercados – o que se traduz no direito à invasão mundial das culturas tradicionais pelo império capitalista global e na prioridade das considerações econômicas.

Já desde os anos oitenta, o espírito da cultura passou da boemia à burguesia, do romântico ao racional e prático, do antiautoritário ao autoritarismo, do anticonvencional ao "novo conservadorismo", do libertário ao policial e da orientação espiritual da "nova era" ao apogeu dessa "direita cristã" que é um eco contemporâneo da atitude de Hernán Cortés e outros conquistadores cristãos, nos quais a pretensão de superioridade religiosa e o moralismo repressor servem aos negócios e à cobiça.

Enquanto durante os anos 60 sentia-se na Califórnia o clima primaveril de uma cultura nascente, durante as últimas décadas o clima tornou-se outonal e o que mais chama a atenção são os signos de uma cultura moribunda. Assim o anuncia o título do volumoso livro do historiador francês Barzun *From Dawn to Decadence*, que trata dos quinhentos anos transcorridos desde o Renascimento, assim como o volume mais recente de Morris Berman a propósito dos EUA: *The Twilight of American Culture*. Porém, assim como a “navegação noturna” na evolução do indivíduo é, no melhor dos casos, só o prelúdio dessa etapa que na teologia mística cristã se tornou conhecida como a “via unitiva”, pode-se esperar que nossos tempos difíceis contemham o potencial de nossa realização plena como espécie. Assim o pressentiram muitos, seguramente, e especificamente tratou disso alguém durante os anos setenta em um livro intitulado *The Promise of the Coming Dark Age* no qual desenvolve a analogia de nosso tempo com o fim do império romano. A contracultura dos buscadores parecia haver-se transformado em fumaça ante a implícita “matança dos inocentes” que tem lugar nos tempos do apogeu do novo capitalismo neoliberal⁴, e ainda sem que haja chamado a atenção do público, milhares de hippies foram parar nas prisões, também se pode dizer que o espírito boêmio e libertário da “revolução da consciência” foi penetrando no sistema e mantém sua vitalidade em seus interstícios.

Theodor Rozak, historiador a quem devemos a crônica inicial da contracultura, publicou recentemente um livro intitulado *The Wisening of América* (O Despertar da América) onde observa que nos EUA a explosão demográfica da assim chamada Baby Boom Generation combinou-se hoje em dia com o aumento da expectativa de vida como consequência do progresso da medicina e que, o resultado de ambas as coisas, atualmente, é uma população de sábios aposentados: gente de maior maturidade emocional que em outras gerações onde não só sobrevive o espírito aberto da “nova era” mas também em que se encarna o fruto de uma longa maturação.

A análise feita por Rozak sobre os fatos objetivos coincide com minha convicção de que o antídoto de nossa presente época de tecnocracia mercantil solta se encontra no espírito de nossa breve época de busca. E coincide com a visão que propus há uns quinze anos (*em La Agonía del Patriarcado*) dos “novos xamãs” como um fermento vital para nosso futuro. Pois se o aspecto obsoleto do nosso tempo crítico é a estrutura patriarcal da sociedade, seus aspectos subdesenvolvidos são o amor e a liberdade – fatores comuns do terapêutico e do genuinamente espiritual que por sua vez eram ideais notórios daqueles jovens sonhadores que hoje recordamos com certo desprezo cultivado.

Termino com uma citação do último capítulo do livro acima mencionado (“Um novo xamanismo para problemas milenares”):

“Assim, pois, quando falo de um novo xamanismo, não falo do mesmo daqueles que o acreditam indissolavelmente conectado com tambores, plumas e animais totêmicos. O xamanismo que se está estendendo entre nós certamente se conecta com

⁴ Explica em sua introdução ao livro de Chomsky, intitulado *O Lucro acima das pessoas* que “o neoliberalismo é o paradigma político econômico definidor de nosso tempo. Refere-se a políticas públicas e processos através dos quais se permite a uns poucos interesses privados controlar todo o possível a vida da sociedade com o objetivo de maximizar seu lucro. Associado originalmente com Reagan e Thatcher, o neoliberalismo durante as duas décadas recentes foi tendência político-econômica global dominante adotada pelos partidos políticos do centro e por muitos da esquerda tradicional e, por sua vez, os da direita. Estes partidos e as políticas que implementam representam os interesses imediatos de inversionistas sumamente ricos e menos de mil corporações gigantes.

Exceto entre alguns acadêmicos e homens de negócios, o termo neoliberalismo é pouco conhecido pelo público, especialmente nos Estados Unidos. Ali, pelo contrário, alude-se às iniciativas neoliberais como políticas de livre mercado que estimulam o livre arbítrio da empresa privada e dos consumidores, que premiam responsabilidade e a iniciativa empresarial e que militam contra a interferência de um governo incompetente e burocrático... Uma geração de esforços de relações públicas financiadas pelas corporações deu a esses termos e idéias um halo quase sagrado.”

tais influências por ressonância natural com elas (em forma de receptividade), porém não devemos desconhecer que antes disso emergiu como xamanismo nativo e que só por causa de um vínculo de simpatia entre o xamanismo emergente e o antigo é que nos interessamos por ele.

Para terminar, creio que, especialmente em nosso tempo – quando tantos aprendizes de bruxo atravessam o que chamei a “síndrome da inflação pós-iluminativa” ou a profunda regressão que implica a fase de descida aos infernos na viagem xamânica – faz sentido chamar a atenção sobre o fato de que, por muita maturidade que falte à atual geração de novos xamãs, a isto, como pioneiros do desenvolvimento individual, vai-lhes corresponder seguramente com o decorrer do tempo ter um papel muito importante no processo de transformação coletiva no qual estamos imersos. Em outras palavras: nesta população de buscadores, um tanto marginais e em sua maioria a meio caminho ainda, jaz um recurso humano de primeira magnitude e significado especialíssimo para esta época de crise, pois certamente a chave de saída não há de vir das velhas instituições, mas de um novo fermento. Sinto-me movido a fazer uso aqui de uma metáfora conhecida há muito tempo em relação à transformação individual: a da borboleta. Só que propô-la agora como um símbolo de transformação coletiva, teria que ser uma macro borboleta, em que cada uma de suas células seria fruto de um florescimento “em borboleta” de um indivíduo que (através de um período de peregrinação e incubação) deixou para trás em seu psiquismo o estado larval original.

Escutei uma vez Willis Harman dizer que a metamorfose da borboleta implica, durante sua incubação na crisálida, ao mesmo tempo que uma desintegração das estruturas celulares antigas, um emergir de uma nova estrutura central formada de células que, pelo fato de controlarem a formação do organismo futuro, como se contivessem seu código de antemão – recebem o nome de “imaginales”. Assim como as células imaginales da borboleta precedem a transformação do corpo larval e um corpo adulto alado, assim também cabe conceber os atuais pioneiros da transformação individual como células imaginales do futuro organismo coletivo, da nova humanidade emergente.”

Se nossa crise nos encaminha para um futuro “dia do juízo”, seguramente chegaremos a compreender que não se pode servir ao mesmo tempo ao deus do amor e ao deus do dinheiro; porém é de se esperar que somente a iminência da fatalidade nos permita deter a tempo nossa queda no abismo, e espero que a proposta da “noite escura da alma” como paradigma de nossos tempos críticos resulte esperançosa no mesmo sentido que foi esperançoso para os aspirantes de alguns séculos atrás ler A Noite Escura da Alma de São João da Cruz. Ele nos dizia que a alma nesta fase de sua peregrinação já não precisa açoitar-se como durante a fase de purificação que precedeu seu período luminoso, pois agora é Deus mesmo quem a açoita e só lhe cabe manter a fé.

Os Sufis, que descreveram muito bem como uma fase de expansão da consciência é seguida por outra de contração, dizem que esta última não é uma benção menor que a primeira. Isto quer dizer que apesar do obscurecimento da consciência espiritual que esta contração representa, a experiência de sentir-se distante do divino e de desejar a “volta à casa” é de imenso valor. Pode-se dizer que necessitamos atravessar um empobrecimento para completar nosso desenvolvimento – de maneira análoga ao modo como um bebê precisa interromper a lactância para interessar-se pelos alimentos que correspondem à sua maturidade.

Em sua alegoria da viagem interior o místico persa Attar descreve sete vales que o indivíduo deve atravessar antes de encontrar a plenitude e, entre estes, os primeiros correspondem a fases da etapa iluminativa: os vales da busca, do amor, do conhecimento e do desapego. À medida que progride no caminho, no entanto, ele se faz mais doloroso e menos entusiasmante e os viajantes devem, por último, atravessar o vale da pobreza e do nada antes de encontrar-se com seu legendário rei. Igualmente no conhecido relato do êxodo do povo judeu, cuja relevância psico-espiritual seguramente supera o interesse literal e histórico, segue-se

ao episódio da ascensão ao Monte Sinai a longa travessia pelo deserto, que similarmente evoca *secura* e *escassez*.

São bem conhecidas a aridez e o empobrecimento psico-espiritual no indivíduo e, com este, uma “morte da alma” coincide com a incubação de uma vida nova. No coletivo, ao invés disso, ainda não passamos do outono ao inverno – por muito que se faça sentir o empobrecimento espiritual da cultura e por muito que se possa adivinhar o empobrecimento inevitável que há de trazer nossa exploração desmedida da natureza. Em uma época tal, é difícil não apreciar a relevância da antiga mensagem bíblica relativa à travessia do povo judeu pelo deserto que exige a ser fiel à sua revelação e a construir uma arca como um templo móvel em sua travessia. Em outras palavras: é instado a não esquecer durante sua travessia a visão do Sinai. Traduzido o símbolo a nosso momento cultural, seu significado resulta mais específico que um simples chamado à conexão com o sagrado, pois o momento de revelação que temos ignorado – nosso “Sinai” não foi outro senão nossa breve e rapidamente desestimada “revolução da consciência”.

Os profetas do antigo testamento lamentavam a porfia do povo de Israel ao insistir em condutas contrárias à sua aliança com Deus. Em nossa era de abundância de informação, é difícil contemplar a história mais recente do mundo sem sentir algum assombro diante da sua resistência à aprendizagem. Não só foi insuficiente a vitimização dos pioneiros do tempo axial: nem sequer o genocídio parece ser lição suficiente para instar-nos a uma vida comum fraternal e saudável. Assim como um paciente que regressa uma e outra vez a seu terapeuta para reassegurar-se do que tem que fazer e, não obstante, segue postergando, seguimos querendo compreender melhor o que se passa conosco quando os sábios de dois mil anos atrás já nos explicaram com muita clareza. Acaso Platão não demonstrou lucidamente a necessidade de um governo sábio e a impossibilidade de separar a tarefa de governar com a educação na virtude? Nosso conhecimento se faz mais e mais complexo à medida que nossa resistência gera cortinas de fumaça crescentemente densas. Quanta dor será necessária para despertarmos? Quão próximos do abismo será necessário que cheguemos antes que compreendamos cabalmente que nosso sistema patriarcal – com seu autoritarismo disfarçado de democracia, sua violência disfarçada de boas intenções, sua exploração, seu desmedido afã de lucro, etc. – é um navio que convém abandonar antes do naufrágio?